

www.oxisdaquestao.com.br

OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA

**O empresário que,
com o sucesso do “Projeto Folha”,
se colocou na História
do jornalismo brasileiro.**

TEXTO DE CARLOS CHAPARRO

Mais do que na vida de tantos sucessos, foi na morte, aos 94 anos, que o sr. Octavio Frias de Oliveira teve realizado, em plenitude, o sonho maior que o moveu, como empresário da comunicação: tornar-se figura importante, respeitado, reverenciado, com lugar próprio conquistado nos altares do jornalismo brasileiro. O sucesso empresarial havia sido construído, em trajetória de lutas, derrotas e vitórias. Mas a entronização nos espaços de suprema dignidade, na História do jornalismo brasileiro, deu-se ali, no Cemitério Gethsêmani do Morumbi, ao ser enterrado, entre a manhã e a tarde daquela segunda-feira, 30 de abril de 2007.

Ao funeral, com emoção sincera ou disfarçada conveniência, acorreram as autoridades mais importantes da Nação e do Estado de São Paulo, lideranças políticas de todos os segmentos partidários e ideológicos, os empresários mais representativos do PIB brasileiro, boa parte da elite jornalística nacional, nomes expressivos da ciência, da cultura e das artes – todos em atitude e com palavras de reverência ao grande homem da comunicação social brasileira ali sepultado.

Em homenagem à memória de Octavio Frias de Oliveira, o Presidente da República decretou três dias de luto nacional. Não por ter sido o homenageado jornalista, ou repórter, que não o foi, a despeito de assim quererem alguns dos panegiristas mais propensos a exageros, naturais em tais ocasiões.

Mesmo quando, em algumas circunstâncias, o sr. Frias parecia pensar e falar como jornalista, era o empresário que agia, em decisões de dono da *Folha*. E como empresário, sim, Octavio Frias de Oliveira reuniu méritos suficientes para merecer lugar de honra na História do jornalismo brasileiro. Esse, o sonho que impôs sentidos às suas escolhas e lutas. E que se expressa no formidável legado empresarial e cultural deixado aos filhos, ao jornalismo, ao país: os jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora SP*; o site *Folha Online*; o portal *Uol*; o Instituto Datafolha; a editora Publifolha; a gráfica Plural; e o jornal *Valor Econômico*, este em parceria com as Organizações Globo.

O desenho desse império da informação continuou a expandir-se nas duas últimas décadas do século passado já sob o comando empresarial dos filhos Luiz e Otávio, a quem o velho Frias preparou, e aos quais entregou os negócios, nos anos 80. Mas os fundamentos e as fundações do império vêm lá de trás, das décadas de 60 e 70.

Obra do pai, na perseguição do sonho.

Conheci o sr. Frias no final dos anos 60, quando o grande sonho de entrar para a História do jornalismo brasileiro começava a ordenar-lhe a mente, extraordinariamente empreendedora. Tive-o como patrão durante curtos três anos.¹ Sem carteira assinada, porque, como empregadora, a empresa do sr. Frias jamais foi o melhor exemplo. Mas partilhei algumas reuniões e conversas em torno da mesa de almoço, na bem protegida sala onde o empresário Frias de Oliveira exercitava uma das suas mais eficazes aptidões: a de conversar com quem trazia ou podia levar ideias e/ou negócios. Uma coisa e outra, sempre a serviço do fortalecimento dos seus jornais – que então precisavam de lucros, prestígio e poder político para crescer, modernizar-se e realizar intervenções nos cenários do poder.

¹ Trabalhei na Folha de S. Paulo entre 1966 e 1968, como secretário de redação e pauteiro de suplementos especiais.

Nessa fase, a antiga Estação Rodoviária da Praça Júlio Prestes ainda tinha grande importância para a sobrevivência e o crescimento da empresa Folha da Manhã, e de seus jornais. A Rodoviária foi um espertíssimo negócio iniciado em 1961 pelos sócios Frias e Caldeira Filho, os mesmos que, também em sociedade, compraram de Nabantino Ramos a *Folha de S. Paulo*, em agosto de 1962.

Na Rodoviária tinham eles uma fábrica de dinheiro, operando em fluxo contínuo. Havia, entretanto, a dificuldade de uma perigosa contradição nesse generoso negócio: ao mesmo tempo que ajudava a tapar os buracos financeiros da empresa jornalística, a Estação Rodoviária Júlio Prestes, pelos trambiques do seu funcionamento, era um rabo de palha que comprometia a tão necessária independência do jornal. E que atrapalhava os sonhos.

Felizmente, o crescimento da cidade e de suas demandas tornou obsoleta a velha Rodoviária, que entrou em decadência em 1977 e acabou sendo desativada em 1982. Fechou-se a generosa torneira de recursos financeiros, mas quando a Empresa Folha da Manhã, saneada, equilibrada e com potenciais acumulados, já não precisava dela.

Livre das várias dependências advindas dos negócios da Rodoviária, o sr. Frias ganhou vigor para a caminhada rumo ao sonho maior, por pelo menos duas décadas cuidadosamente ocultado - o de conquistar lugar, prestígio, poder e memória de protagonista na História da imprensa brasileira.

No Projeto Folha o salto para o sucesso

Na perseguição do sonho que começara a acalantar com a dono da *Folha de S. Paulo*, o sr. Frias logo se revelou talentoso estrategista, capaz de determinar e coordenar ações táticas, em função de objetivos que talvez só ele soubesse quais, tanto no campo racional dos negócios quanto nos meandros subjetivos do jornalismo.

Dessa percepção estratégica do futuro a trilhar nasceu o Projeto Folha, ao qual, sem dúvida, se deve a força política conquistada pela *Folha de S. Paulo*, gloriosa e publicamente

comprovada naquele funeral de solenes reverências, no Cemitério Gethsêmani do Morumbi, a 30 de abril de 2007.

Sem o Projeto Folha, e suas decorrências, o funeral teria sido outro. E essa é uma história que deve ser contada, para que se possa entender o porquê de tantos e tão empolgados panegíricos à beira do túmulo. Para isso, sirvo-me do meu livro *Pragmática do Jornalismo*, nas livrarias em sua terceira edição, no qual dedico um capítulo ao Projeto Folha.

O estrategista Frias de Oliveira teve um momento de gloriosa lucidez quando percebeu, em histórica conversa com Cláudio Abramo, que se quisesse fazer da *Folha de S. Paulo* um jornal independente, verdadeiramente influente, teria de ajudar a derrubar a ditadura.

Cláudio Abramo (falecido em agosto de 1987) relata o encontro, no resgate feito por amigos para o livro póstumo *A regra do jogo*. Ali se conta que, quando “estava encostado na Folha” (provavelmente no início dos anos 70), Cláudio encontrou-se com Octavio Frias num hotel de Nova Iorque. “Falamos durante horas, quando expus a ele o que achava que deveria ser feito. Ele estava pensando da mesma forma”.

O relato recolhido pelos amigos de Cláudio Abramo não reproduz o teor da conversa, mas sugere que naquele hotel e naquela conversa teria nascido o embrião do Projeto Folha. Sabe-se que Abramo e Frias chegaram à conclusão de que somente num regime democrático a *Folha de S. Paulo* poderia crescer e tornar-se um jornal forte. E aí se tomou a decisão de implantar mudanças de linha editorial que colocassem a *Folha* na vanguarda da luta pela redemocratização do país.

As mudanças logo começaram a acontecer. Discretamente, a princípio. Com maior intensidade a partir de junho de 1973, quando o próprio Cláudio Abramo assumiu informalmente o comando das ações jornalísticas; e de forma definitiva alguns meses depois, quando Abramo se tornou diretor de redação.

O passo mais importante foi a concessão de um amplo espaço nobre ao articulismo político. Nessa tribuna, alguns dos nomes mais respeitados do pensamento político brasileiro iniciaram o debate público dos dramáticos temas da Nação sob di-

tadura. Também foram contratados Alberto Dines, Paulo Francis, Newton Rodrigues e Mino Carta (este como colaborador), profissionais de primeira linha.

Com eles, a *Folha* deu início a uma fase de jornalismo de autor. Com destaque particular para Alberto Dines e a sua coluna semanal “Jornal dos Jornais”, na qual exercitava – com rigor técnico, liberdade e saber teórico – a crítica dos meios impressos. Avaliando jornais, jornalismo e jornalistas, Dines começou a sacudir consciências, a estimular competências, a incendiar o senso crítico das redações e a expor publicamente o pecado generalizado da autocensura.

REAÇÃO MILITAR - A agressividade de sabor esquerdista da *Folha de S. Paulo* acordou o monstro da ditadura, que parecia adormecido, naqueles tempos de pré-anistia. O regime militar decidiu mostrar sua força: aproveitando-se do pretexto oferecido por uma crônica publicada dia 10 de setembro de 1977, considerada ofensiva à memória do Duque de Caxias, os militares no poder prenderam Lourenço Diaféria, autor do texto.

A crônica de Diaféria teve também a capacidade de levar a *Folha* a libertar-se de ambiguidades. O jornal foi para o confronto: na edição seguinte, em sinal de protesto pela prisão do cronista, o jornal decidiu manter o espaço da coluna, mas em branco. Abramo contaria depois ter sido o único a votar contra essa decisão, na reunião da qual participaram, além dele, os donos do jornal (Octavio Frias e Carlos Caldeira Filho) e o jornalista Ruy Lopes.²

A publicação da coluna em branco deu aos militares o pretexto que faltava para a pressão definitiva: “O general Hugo Abreu, chefe da Casa Militar de Geisel, ligou para o jornal e então o Frias pediu que me demitisse; e eu me demiti”, relata Abramo. Com Abramo caíram Alberto Dines e Mino Carta.

Assim, em setembro de 1977, a *Folha* voltou a ser um jornal comum, encolhido, amedrontado, enquanto Lourenço Diaféria enfrentava um duro processo na Justiça Militar, no qual acabou sendo absolvido em instância superior.

² Na época, Cláudio Abramo fez questão de considerar “irresponsável” aquela crônica de Lourenço Diaféria e o considerou culpado pela reação militar. Embora se autoproclamando trotskista, Abramo fazia questão de frisar que, na sua atividade de jornalista, compreendia as situações e trabalhava conforme a natureza do capitalismo.

Boris Casoy, que editava “Painel”, então a coluna mais lida do jornal, substituiu Cláudio Abramo, assumindo como editor-chefe do jornal, função que alguns anos antes já ocupara.

Ele me fez o seguinte relato:³

“A pressão sobre a *Folha de S. Paulo* ocorreu dentro do quadro da sucessão do general Ernesto Geisel à Presidência da República. O jornal preconizava a volta ao regime democrático e isso incomodava o grupo militar ligado ao ministro de Exército, general Sylvio Frota, que queria ser presidente. Sentimos a pressão. Uma suspensão de trinta ou sessenta dias poderia provocar a morte da *Folha*. E o jornal fez um recuo tático: afastou pessoas, retirou a página de opinião. Foi uma atitude de sobrevivência. Continuamos, porém, a noticiar os fatos com fidelidade. E, pouco a pouco, avaliando riscos, fomos para uma retomada lenta das posições anteriores.”

De acordo com o relato de Boris Casoy, a retomada lenta se deu, por exemplo, por meio da cobertura informativa que a *Folha* passou a dedicar ao movimento sindical que crescia, forte, em São Bernardo do Campo, sob a liderança de Luiz Inácio da Silva (ele ainda não havia incorporado o apelido “Lula” ao nome). Depois, a página do articulismo voltou.

Mas um fato jornalístico marcou a ruptura definitiva com o período de prudência e encolhimento: uma insólita entrevista concedida aos repórteres Getúlio Bittencourt (falecido em 2009) e Haroldo Cerqueira Lima pelo general João Figueiredo, candidato oficial à Presidência da República. O então futuro chefe da Nação era um desbocado contumaz (tempos depois, já presidente, diria aos jornalistas que preferia o cheiro de cavalos ao cheiro do povo). Na entrevista, publicada a 5 de abril de 1978, afirmou coisas que resultaram num texto considerado explosivo e cuja publicação devolveu à *Folha* a vocação de jornal político, objetivo estratégico do Projeto Folha.⁴

Boris Casoy emocionou-se ao recordar o episódio:

³ Ver: CHAPARRO, Manuel Carlos, *Pragmática do Jornalismo*, 3ª edição, São Paulo, Summus, 2007.

⁴ João Baptista Figueiredo, então ministro-chefe do SNI, preparava-se para suceder ao presidente Ernesto Geisel. A entrevista, feita um dia antes de ser publicada, causou agitação no mundo político. Em 95 minutos, os repórteres Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima fizeram 111 perguntas atrevidas e ouviram respostas ásperas, que, por proibição do general, não puderam ser gravadas nem anotadas. “Acredite: realmente reproduzi a conversa de cabeça”, contava Getúlio. Com a entrevista, Getúlio Bittencourt e Haroldo Cerqueira Lima ganharam o Prêmio Esso de Jornalismo em 1978.

“Publicar a entrevista do general Figueiredo foi uma decisão minha, solitária. Era um texto com potencial de muitos megatons. Eu me tranquei na minha sala para avaliar e decidir. Foi um momento terrível de tensão. Me senti só, profundamente só; eu, frente à responsabilidade de decidir. E o que pesou foi meu compromisso ético com o leitor. Decidi fazer aquilo que o dono do jornal – depois o soube – não faria: publicar a entrevista.”

Segundo Boris, o general Figueiredo irritou-se profundamente com a publicação da entrevista imprudente dada a dois jornalistas competentes. Mas nada foi desmentido.

As declarações do então futuro presidente tiveram um efeito de vendaval na opinião pública. E é isso que dá sentido à seguinte frase de Boris Casoy, no relato feito: “Quando decidi publicar a entrevista do general Figueiredo, foi como se tivesse resolvido bater a cabeça numa parede, com toda a força possível. Sabia que poderia perder a cabeça; mas também poderia derrubar a parede. Derrubei a parede”.

Talvez a parede derrubada em tenha sido a da autocensura, pelo menos na *Folha de S. Paulo*. Com a publicação da entrevista sensacional, o jornal “se engrandeceu por dentro, se re- vigorou”, diz Boris.

A *Folha* ganhou coragem e condições psicológicas para acentuar a retomada da fisionomia contestatória. Voltou a ceder os espaços mais nobres à opinião política das elites intelectuais. No plano da informação, ampliou e deu agilidade ao noticiário da contestação sindical liderada por Lula e aliou-se a outros movimentos de rebeldia cívica que brotavam do seio da sociedade civil, cada vez mais acordada e organizada.

“DIRETAS JÁ!” - No começo dos anos 80, as lutas pela liberdade ganharam rumos irreversíveis. E a *Folha de S. Paulo* converteu-se, para a opinião pública, no elo mais importante do movimento pela democracia, pois supria de informações e opiniões a discussão política que ativava a consciência nacional.

Aconteceu, então, a campanha das “Diretas Já!”, oficialmente lançada em julho de 1983, em Goiânia. Antes do primeiro comício, quando a campanha ainda estava no sigilo dos partidos de oposição, o sexto sentido de Octavio Frias de Oliveira levou-o a aceitar a proposta a ele apresentada primeiramente

pelo filho Otavinho (Otávio Frias Filho), e depois por outros, entre eles Ricardo Kotscho, para que a *Folha* embarcasse de corpo e alma no sonho da Nação.

Após a manifestação de Goiânia, as multidões tomavam as ruas e as grandes praças do país, em jornadas emocionantes, clamando por democracia. E a *Folha* estava lá, desde o primeiro momento.

Diz Boris Casoy:

“Passamos a fazer um jornalismo de campanha, engajados nela. As Diretas se transformaram em nossa bandeira. Mas cumpríamos também o nosso papel de informar com isenção”.

Diz-se, sem desmentidos, que a adesão à campanha das “Diretas Já!” foi um genial lance de marketing, plenamente bem-sucedido, pois a *Folha de S. Paulo* tornou-se o principal jornal do Brasil, tanto em tiragem quanto em conceito na opinião pública.

Os argumentos dos que consideravam a opção libertária da *Folha* uma estratégia de marketing eram reforçados pelo fato de a mesma empresa editar também a *Folha da Tarde*, à época um jornal alinhado com o regime militar e a repressão.

DEPOIS DAS “DIRETAS JÁ”, O MANUAL DISCIPLINADOR

Em 1984, o sonho das eleições diretas para a Presidência da República não se realizou. A relação de forças no Congresso ainda era favorável ao regime militar. Mas a campanha “Diretas Já!” criou condições políticas, ainda que pelo voto indireto, para eleger um presidente civil.

Tancredo Neves, o eleito, morreu antes de assumir a Presidência da República. Viveu, porém, o suficiente para coordenar a negociação nacional que pôs fim à ditadura militar.

Porque o Brasil mudara – dizem os que coordenaram a partir de então o Projeto Folha – teria de mudar também a *Folha de S. Paulo*. Um detalhe da conversa de Nova Iorque, entre Cláudio Abramo e Otávio Frias, talvez tenha passado despercebido aos que preferiam que a *Folha* tivesse continuado a ser o jornal das Diretas. Frias e Abramo assentaram, como ideia pre-

liminar, que somente num regime democrático a *Folha de S. Paulo* poderia tornar-se um jornal forte.

Assim, em termos estratégicos, o que a *Folha* fez, com a adesão à campanha das Diretas, foi ajudar a derrubar a ditadura. Quando se configurou que a ditadura agonizava e o país caminhava inevitavelmente para a democracia, os donos do jornal e quem os assessorava resolveram enterrar, com o passado, o jornalismo engajado. Implantaram, definitiva e integralmente, o projeto de “um jornal apartidário, pluralista, crítico, didático, moderno na tecnologia e na linguagem”, síntese oficial do Projeto Folha.

Não somente para largos segmentos da opinião pública, mas também para a própria equipe interna, foi um choque traumático ver o jornal quase passional das “Diretas Já!” passar a criticar, em doses iguais, os pecados da direita e da esquerda, e a tratar com critérios idênticos as candidaturas de Maluf e Tancredo.

Mas não haveria retrocesso. Os que não gostavam da nova linguagem ou se acomodavam ou saíram. Muitos saíram, entre eles, inconformado, o bravo repórter Ricardo Kotscho, que havia ganho de Ulysses Guimarães o título de “cronista das Diretas”.

Dos tempos do jornalismo engajado, e da emocionante fase libertária da campanha das Diretas, resultara – diz Boris Casoy – “um jornal quase caótico no que se refere aos métodos e ao ambiente de produção, com uma redação sem unidade”.

Por isso, a prioridade era “colocar a redação sob uma camisa de força”. Em função desse objetivo surgiu a primeira versão do Manual Geral da Redação, impondo “a lei do mais forte”.

Era um manual autoritário, controlador, pensado para enfrentar todas as resistências à filosofia do projeto - aquele de “um jornal apartidário, pluralista, crítico, didático, moderno na tecnologia e na linguagem”. E a *Folha* se tornou, ainda nos anos 80, o paradigma mais copiado do jornalismo brasileiro.⁵

⁵ O crescimento da Folha deu-se também no plano das tiragens. Na reunião de Nova Iorque, entre Cláudio Abramo e Octavio Frias de Oliveira, já ficara previsto que, para se tornar um jornal poderoso ambicionado por Octavio Frias, e depois da derrubada da ditadura, a Folha teria de alcançar grandes tiragens. Assim, na construção do sucesso, ao mesmo tempo que o Manual de Redação impunha e controlava um modelo de jornalismo, a área do marketing, em agressivas campanhas sustentadas com brindes e prêmios, chegou a alcançar, aos domingos, tiragens superiores a um milhão de exemplares.

Empresário, sim. Jornalista, não

Repito: mesmo quando parecia pensar e falar como jornalista, era o empresário que agia em Octavio Frias de Oliveira. Um empresário forte, persistente, inteligente, sempre de olho em metas ambiciosas. E com esperteza oportunista, para pensar e realizar, no tempo certo, ações táticas que interessavam ao sucesso ambicionado para os seus empreendimentos - o principal deles, a *Folha de S. Paulo*.

Mas só na morte, aos 94 anos, mais do que na vida de tantos sucessos, o sr. Frias teve realizado, em plenitude, o sonho maior que o moveu, como empresário da comunicação: tornar-se figura importante, respeitado, reverenciado, com lugar próprio, conquistado, nos planos superiores da História do jornalismo brasileiro.

Com sentimentos de sinceras homenagens ou com simulações das conveniências protocolares, àquele funeral no Cemitério Getsêmani do Morumbi compareceram as mais ilustres figuras da República. Nelas, a Nação esteve presente para, simbolicamente, proclamar que ali se sepultava o corpo de alguém que, transformado em memória, para sempre deveria viver na História do jornalismo brasileiro.

Para as razões e funções da História do jornalismo brasileiro, o nome de Octavio Frias Oliveira está hoje colocado em patamares de dignidade e respeitabilidade próximos aos atribuídos à memória de outro grande empreendedor do jornalismo, o sr. Roberto Marinho.

Pelo que sei por testemunhos colhidos de pessoas que conheceram a intimidade das frustrações e vaidades do sr. Frias, talvez esteja nesse detalhe o lado mais cuidadosamente escondido nas ambições do dono da *Folha de S. Paulo*: o de se equiparar, em prestígio e reconhecimento social, ao sr. Roberto Marinho. Isso, nos espaços da memória. Porque, nos vazios da vida real, ele, que nascera no Rio de Janeiro, sempre se incomodou com o fato de jamais ter recebido, das elites paulistanas, os acalantos e afagos com que a sociedade carioca tratava o dono das Organizações Globo.

Na descida ao túmulo, o sr. Frias teve realizado, enfim, o seu grande sonho de empresário da comunicação: ocupar lugar próprio nos altares mais venerados da História do jornalismo brasileiro.

Importa, porém, dizer que nem só verdades se disseram e se escreveram nos muitos panegíricos das homenagens prestadas nos rituais retóricos do funeral. Quiseram convencer-nos, até, que ali fora sepultado um grande repórter e um notável jornalista.

Octavio Frias de Oliveira jamais foi jornalista. Nem repórter. Foi, sim, tanto para as melhores como para as piores coisas que fez nos negócios do jornalismo, um talentoso e ousado empresário. E como empresário, sempre tratou o jornalismo como produto vendável. Pensava em mercado. Movia-se pela lógica do mercado. Não por outra razão, quando a *Folha de S. Paulo* resolveu colocar no Manual de Redação as razões de ser do seu jornalismo, assumiu como principal compromisso o de tratar o leitor como cliente.

Assim conseguiu chegar aonde chegou. Partindo da compra, em 1962, de um jornal com 50 anos de história, mas falido, o sr. Frias construiu um império empresarial de comunicação jornalística.

Mas não fez isso sozinho. Teve um parceiro, igualmente esperto, inteligente e ambicioso. E não se contará a verdade de Octavio Frias de Oliveira se a seu lado não se colocar Carlos Caldeira Filho.

Caldeira Filho era a face oculta de Octavio Frias de Oliveira, e vice-versa. Os dois formaram uma dupla amarrada por inquebrantável fidelidade recíproca, dividindo e complementando tarefas em dois grandes campos: o sr. Frias cuidava da redação e das interfaces políticas com a sociedade; o sr. Caldeira Filho dava as cartas na publicidade e nas oficinas.

O que um fazia o outro não desfazia. E entendiam-se, às mil maravilhas. Porque os dois eram empresários do mesmo negócio: a *Folha de S. Paulo*.

Frias e Caldeira foram também sócios da Estação Rodoviária Júlio Prestes, por eles instalada em 1961. Fizeram dela uma formidável fábrica de dinheiro, sem a qual a *Folha* (comprada um ano depois) não teria sobrevivido às dificuldades financeiras que com ela vieram.

Mas o jornal também herdou, da Estação Rodoviária, um pesado ônus de dependência política que lhe minava a credibilidade. E que só foi superado com o vitorioso Projeto Folha.

No Projeto Folha está, certamente, a melhor parte da história do empresário Octavio Frias de Oliveira. Relembra-lo, ainda que de forma resumida, ajuda a compreender a ambição do sonho maior, finalmente realizado na descida ao túmulo.

(Texto postado a 8 de agosto de 2014)